

Colóquio

As Relações Portugal Brasil: Da 1 República À Democracia-Pós Abrilista

Fundação Cupertino de Miranda

22 e 23 de Novembro 2019



22-23 NOVEMBRO 2019

AS RELAÇÕES PORTUGAL BRASIL DA I REPÚBLICA À DEMOCRACIA PÓS-ABRILISTA

SEXTA 22

**09h30
Abertura**

Dr. Paulo Cunha
Presidente da Câmara de Vila Nova de Famalicão
Prof. Doutor Norberto Ferreira da Cunha
Coord. Científico do Museu Bernardino Machado

**10h
Confederação Luso-Brasileira:
uma utopia na I República**

Ernesto Castro Leal
Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa

**10h30
A contemporaneidade
lusu-brasileira de Silvestre
Pinheiro Ferreira**

Esteves Pereira
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa

11h Debate - Intervalo

**11h30
As relações Portugal/Brasil
no 1º quartel do século XX**

Paula Marques Santos
Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego - Instituto Politécnico de Viseu

**12h00
Um olhar sobre as ditaduras
de Getúlio Vargas e Oliveira
Salazar**

Heloísa Paulo
CEIS20 - Universidade de Coimbra

12h30 Debate - Almoço

**15h30
O Brasil na Grande Exposição
do Mundo Português (1940)**

Margarida Ramalho
Instituto de História Contemporânea - Universidade Nova de Lisboa

**16h
O lusotropicalismo
de Gilberto Freyre**

Cláudia Castelo
Centro de Estudos Sociais - Universidade de Coimbra

16h30 Debate - Intervalo

**17h
A dívida externa do Brasil
na era Vargas e seus reflexos
em Portugal**

Jorge Alves
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

17h30 Debate - Conclusão

SÁBADO 23

**10h
Portinari e o neo-realismo
português**

Lúisa Duarte Santos
Instituto de História de Arte - Universidade Nova de Lisboa

**10h30
Henrique Galvão, a operação
Dulcineia e o seu exílio
e oposição, no Brasil**

Francisco Teixeira da Mota
Advogado

11h Debate - Intervalo

**11h30
Dos (des)acordos ortográficos
à questão da 'língua brasileira'**

Carlos Morais
Departamento de Línguas e Culturas - Universidade de Aveiro

12h Debate - Encerramento

Notas Curriculares e Resumos das Comunicações dos Conferencistas

► Ernesto Castro Leal

Ernesto Castro Leal é Doutor e Agregado em História (História Contemporânea). Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador integrado, do Centro de História da Universidade de Lisboa. Desenvolve investigação nas áreas da História das Ideias e da História Política, durante os séculos XIX e XX. Entre os livros publicados, estão os seguintes: *António Ferro: Espaço Político e Imaginário Social, 1918-1932* (Lisboa: Cosmos, 1994); *Nação e Nacionalismos: A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as Origens do Estado Novo, 1918-1938* (Lisboa: Cosmos, 1999); *Partidos e Programas: O campo partidário republicano português, 1910-1926* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008); *Manifestos, Estatutos e Programas Republicanos Portugueses, 1873-1926. Antologia crítica* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014). Coordenou 8 volumes impressos decorrentes dos *Seminários de História e Cultura Política* (2009-2019), que organizou e foram apoiados pelo Centro de História da Universidade de Lisboa.

Resumo da Comunicação

Confederação Luso – Brasileira: uma utopia na I República

Nesta intervenção pretende-se analisar a emergência e a formulação da ideia de Confederação Luso-Brasileira, em Portugal e no Brasil, entre 1902 e 1923. As várias propostas políticas apresentadas revelaram uma visão organicista (etno-cultural) das sociedades, tendo em vista reinventar as tradições nacionais e articular as respectivas identidades nacionais. Apesar de ter tido uma expressão utópica atlantista diversa (acordo, aliança, liga, união, confederação), afirmou-se a designação de confederação a partir de 1917 junto de relevantes intelectuais portugueses e brasileiros, exprimindo uma vontade política que permitisse a maior aproximação cultural, económica e geopolítica entre os dois Estados e as instituições das respectivas sociedades civis.

► José Esteves Pereira

Professor Catedrático Jubilado (Filosofia) da Universidade NOVA de Lisboa. Foi Vice – Reitor da Universidade NOVA de Lisboa de 1994-2000 e 2010-2014, em quatro mandatos. Licenciado (1970) e Doutoramento (1980), em Filosofia, pela Universidade de Coimbra. Exerceu atividade docente entre 1971 e 1980 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Entre 1980 e 2014 lecionou nos Departamentos de Filosofia, História das Ideias e Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa. Foi também docente convidado da Universidade de Évora. Atualmente é docente convidado da Universidade Católica Portuguesa no Instituto de Estudos Políticos. Presidente da Assembleia Geral do Instituto de Filosofia Luso-brasileira, Presidente da Assembleia Geral do Centro de Humanidades/CHAM/ da Universidade Nova de Lisboa, Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Internacional de Cultura Portuguesa, da Academia Brasileira de Filosofia e de outras academias brasileiras, Vice-Presidente da Assembleia- Geral da Associação Portuguesa de Ciência Política, Vice-presidente do Instituto Luso-Árabe para a Cooperação e Presidente da Direção do Observatório do Mundo Islâmico. Pertence ao Conselho Consultivo da Fundação António Quadros, ao Conselho de Acompanhamento Científico do Instituto Oriental/ISCSP/UL. Dirigiu o Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa desde 1992 até 2004. Interesses científicos atuais: a) Realização de estudos no âmbito do pensamento hispânico; b) Estudos sobre história das ideias, especialmente nas vertentes filosófica, política, económica e social (século XVIII- XX). Algumas publicações: *Silvestre Pinheiro Ferreira, O seu pensamento político; O pensamento político em Portugal no século XVIII – António Ribeiro dos Santos; Pensamento filosófico em Portugal – Conhecimento, Razão e Valores nos séculos XVIII e XIX; Percursos de História das Ideias*, estando em preparação o II volume; *O Essencial sobre Silvestre Pinheiro Ferreira; Cultura filosófica em Portugal na primeira metade do século XIX, Globalização, Uniformização e Identidade* além de edições críticas de textos.

Resumo da Comunicação

A contemporaneidade luso-brasileira de Silvestre Pinheiro Ferreira

Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) é um pensador com incontestável importância para Portugal e para o Brasil com a obra reeditada nos dois países nas últimas décadas. No Rio de Janeiro, depois de uma permanência na Alemanha como diplomata, onde ouviu Fichte e Schelling, inicia um caminho novo de reflexão superando e integrando a tradição especulativa vigente através das suas *Preleções Filosóficas* (1813) possibilitando, entretanto, o acesso a um discurso em que a definição precisa dos conceitos e a análise da linguagem são, intemporalmente, fundamentais. Contemporâneo da docência fluminense é o seu aconselhamento a D. João VI sobre os meios de responder aos novos desafios produzidos pela primeira revolução liberal portuguesa e os crescentes sinais de independência brasileira. O seu pensamento jus-constitucional virá a desenvolver-se sobretudo em Paris depois do exílio voluntário a partir de 1825 na sequência do movimento contrarrevolucionário de 1823. A vasta e aprofundada argumentação de teor liberal moderado desafia-nos, ainda hoje, para a denúncia de “constituições que não constituem” e do problema fulcral da representação em que a proposta de um poder eleitoral independente dos outros poderes, a relação do eleitor e do eleito, ganha especial significado. A chave da ciência política era para o autor do *Manual do Cidadão em um governo representativo* (1834) a independência e eleição nacional para todos os poderes e a responsabilidade e publicidade de todos os atos. A vasta obra, em francês e português, que Pinheiro Ferreira produziu no exílio parisiense, que terminará em 1842, granjearam-lhe uma significativa admiração na Europa culta do seu tempo desde Victor Cousin a Proudhon. Refletindo sobre a guerra e a paz, a primazia do direito sobre a força, sobre os problemas sociais e económicos teria ainda a oportunidade de augurar, se fosse bem discutida e meditada, a união política da Europa.

► Paula Marques Santos

Paula Marques dos Santos é licenciada em Relações Internacionais, pós-graduada em Comércio Internacional e doutorada em História Política Internacional, com a tese intitulada “As relações Portugal-Brasil (1930-1945)”. É docente do ensino superior desde 2005 e tem diversas publicações (livros, capítulos de livros e artigos científicos) e comunicações científicas, como resultado da sua investigação, sobre: relações externas de Portugal, comunicação política, cidadania europeia, competitividade organizacional, gestão estratégica e sustentabilidade das organizações sociais.

Resumo da Comunicação

As relações Portugal/Brasil non 1º quartel do século XX

O fim da monarquia em Portugal, no início do séc. XX, e a conseqüente vigência da I República pode ser genericamente caracterizado por um período de dificuldades no relacionamento entre Portugal e o Brasil, relacionamento este que havia sido reatado depois de diversos diferendos tidos desde o fim da monarquia no Brasil. Mesmo durante o período da I República, esse relacionamento bilateral será relegado para segundo plano no posicionamento internacional de cada um destes países, já que os sucessivos governos republicanos portugueses vão centrar as suas atenções em questões internas e na tentativa, muitas vezes frustrada, para a resolução desses mesmos problemas.

A análise a desenvolver pretende apenas apresentar as linhas gerais deste relacionamento bilateral, tendo em conta as condicionantes nacionais de Portugal e do Brasil.

► **Heloísa Paulo**

Heloísa Paulo possui um mestrado em História do Brasil na Universidade Federal Fluminense, Brasil, subordinado ao tema “Departamento de Imprensa e Propaganda e o discurso para a Juventude”, defendido em 1987, e um doutoramento na Universidade de Coimbra, sobre a imigração portuguesa no Brasil e o Estado Novo português, editado em 2000 sob o título “Aqui também é Portugal”, reeditado em 2019 como “Salazar no Brasil”. Lecionou em diversas universidades no Brasil e em Portugal e tem publicado artigos em Portugal, Brasil, França, Espanha, Itália, Alemanha, Argentina, Estados Unidos e Reino Unido. É membro fundadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, da Universidade de Coimbra. Em 2019, ganhou o Prémio Internacional para a melhor investigação na área de História da Rede de Arquivos Diplomáticos Ibéricos, RADI, com o trabalho “Os exilados de Salazar”.

Resumo da Comunicação

Um olhar sobre as ditaduras de Getúlio Vargas e Oliveira Salazar

Em 1937, Getúlio Vargas implanta no Brasil um regime de carácter ditatorial homólogo ao que fora implantado em Portugal. O modelo comum é o Estado Corporativista fascista italiano. No entanto, enquanto o Estado Novo português assume um carácter eminentemente fascista, o regime brasileiro acaba por assumir o autoritarismo da tradição governativa brasileira. Apesar disto, possuem instituições semelhantes e travam uma intensa relação diplomática cujo auge é a participação do governo brasileiro nas Comemorações do Duplo Centenário. Para além dos contactos formais, a diplomacia portuguesa tenta travar no território brasileiro o avanço da oposição republicana ali radicada, contando para tal com o apoio do regime de Vargas, pelo menos até do Brasil na Segunda Guerra. Assim sendo, partindo da composição dos dois regimes, das suas instituições e do jogo diplomático, pretendemos montar um quadro que demonstre o evoluir dos pontos de convergência e de distensão dos dois “Estados Novos”.

► Margarida Ramalho

Margarida de Magalhães Ramalho nasceu em Lisboa em 1954. É licenciada em História da Arte e investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Começou a sua actividade de investigadora em 1986 no âmbito da fortificação marítima tendo dirigido, entre 1987 e 2005, em Cascais várias escavações arqueológicas.

Entre 1993 e 1998 pertenceu aos quadros da Exposição Mundial de Lisboa (EXPO'98) onde comissariou várias exposições.

A partir de 1999, é *free lancer* tendo comissariado inúmeras exposições tanto em Portugal como no estrangeiro. Tem mais de duas dezenas de livros publicados, o último dos quais, publicado em 2018 pela Imprensa nacional-Casa da Moeda *Thomas de Mello Breyner, relatos de uma época, (da monarquia ao Estado Novo)* ganhou o Prémio do Grémio Literário. Ganhou ainda nesse ano o Premio da Fundação António Quadros pelos trabalhos realizados relacionados com o turismo.

Desde 2000 que se dedica ao estudo das questões relacionadas com a chegada de refugiados durante a II Guerra Mundial. Nesse âmbito é a responsável científica do Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes e do Museu Vilar Formoso, Fronteira da Paz, Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes inaugurado, em Vilar Formoso em 2017. A investigação feita no âmbito deste último mereceu-lhe, em 2018, o Prémio APOM (Associação Portuguesa de Museologia) na categoria de Investigação.

Resumo da Comunicação

O Brasil na Grande Exposição do Mundo Português (1940)

A 23 de junho de 1940, com uma Europa a ferro e fogo e no dia a seguir á capitulação da França, Portugal abria com pompa e circunstância a Exposição do Mundo Português, momento alto das Comemorações do Duplo Centenário na nacionalidade e da Restauração.

Este grandioso evento que tinha sido planeado no sentido de mostrar à Europa as grandezas passadas e presentes de Portugal acabaria por apenas ter uma participação estrangeira, a do Brasil, país irmão que ficará representado com um pavilhão desenhado pelo arquitecto Raul Lino.

Nesse âmbito, o Secretariado de Propaganda nacional iria também levar a cabo um garden-party em Monserrate para homenagear o representante do Brasil na exposição.

Apesar do número de visitantes estrangeiros ter sido escasso, mesmo com milhares de refugiados que se encontravam no país, a exposição teve cerca de três milhões de visitantes sendo o pavilhão do Brasil um dos mais concorridos.

► Claudia Castelo

Licenciada em História e mestre em História dos Séculos XIX e XX pela Universidade Nova de Lisboa e doutora em Ciências Sociais (variante Sociologia Histórica) pela Universidade de Lisboa, é atualmente investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, no âmbito do projecto Os mundos do (sub)desenvolvimento: processos e legados do império colonial português em perspectiva comparada (1945-1975). Foi investigadora auxiliar no Instituto de Investigação Científica Tropical (2009-2014) e no Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (2014-2019). Tem-se dedicado ao estudo da circulação de ideias, pessoas e conhecimento científico no último império colonial português.

Resumo da Comunicação

O lusotropicalismo de Gilberto Freyre

O luso-tropicalismo, entendido como teoria, doutrina ou ideologia, enquadrado no pensamento sobre a diferença racial e as relações raciais, o hibridismo, o nacionalismo ou a colonização, continua a merecer a atenção de historiadores e cientistas sociais, como se comprova por duas obras recentes (o número especial da *Portuguese Studies Review*, coordenado por Michel Cahen e Patrícia Matos, 2018; e o livro colectivo, editado por Warwick Anderson, Ricardo Roque e Ricardo Ventura Santos, *Lusotropicalism and its discontents*, 2019). A presente comunicação revisita o processo de criação do luso-tropicalismo pelo cientista social brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987), reflecte sobre a sua circulação em Portugal e no império colonial português durante o Estado Novo, equaciona pontos de convergência e divergência com discursos sobre a excepcionalidade produzidos noutros contextos, e discute os seus legados pós-coloniais no espaço de língua portuguesa.

► Jorge Alves

Jorge Fernandes Alves é Professor de História do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo vindo a lecionar unidades didáticas relacionadas com História Contemporânea de Portugal e História do Brasil. É investigador do CITCEM – Centro Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, com investigação na área da história económica e social e da história política, nomeadamente nos domínios das migrações, de alguns setores da economia, das empresas e dos empresários, das instituições de ensino e de saúde.

Resumo da Comunicação

A dívida externa do Brasil na era Vargas e seus reflexos em Portugal

Em outubro de 1931, o governo brasileiro, perante a incapacidade de cumprir integralmente o serviço de dívida externa, decretou uma consolidação de juros, numa medida que afetou os muitos credores portugueses. Comprar títulos de dívida do Brasil era uma estratégia de aforro habitual dos emigrantes portugueses, pelo que se avaliava em 1/5 a parte detida pelos emigrantes portugueses e suas famílias. Criou-se, então, no âmbito das movimentações junto do Centro Comercial do Porto, uma Comissão de Defesa dos Portadores de Títulos de Crédito, presidida por Artur Cupertino de Miranda. A comunicação procura enquadrar e explicar as ações desenvolvidas e resultados obtidos.

► Luísa Duarte Santos

Doutora em História da Arte Contemporânea. Investigadora no Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Mestre em Teorias da Arte, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Investigadora e curadora em inúmeras exposições biobibliográficas e de artes plásticas. Durante vários anos foi Técnica Superior Conservadora de Museus, no Museu do Neo-Realismo. Foi bolsista de doutoramento da FCT. Tem participado em vários congressos, colóquios e palestras. Tem inúmeros ensaios e artigos publicados em catálogos e revistas, nacionais e internacionais sobre temáticas, autores e artistas do século XX português.

Resumo da Comunicação

Portinari e o neo-realismo português

Cândido Portinari é dos artistas internacionais com maior eco em Portugal. Da inicial divulgação da sua obra *Café* em periódicos afectos ao neo-realismo, à visita do artista brasileiro a Lisboa, a caminho da sua exposição na galeria Charpentier em Paris, para conhecer Mário Dionísio, foram-se construindo relações e redescobrimo afinidades que contribuíram para que a sua Obra fosse central no movimento cultural neo-realista.

Percursos e encontros ditados pelos caminhos estético-artísticos de um novo realismo, centrado no humanismo e privilegiando tematicamente o povo, num reconhecimento de uma expressão artística de alcance universal, a partir das raízes nacionais.

Uma ligação e um conhecimento que juntou e selou a modernidade brasileira e a modernidade portuguesa, nas suas intenções irmanadas de transformação artística e de mudança social e política.

► Francisco Teixeira da Mota

Francisco Maria de Lencastre Teixeira da Mota (n. 1954).

Licenciado em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa.

Advogado desde 1982.

Colunista do jornal PÚBLICO desde a sua fundação.

Pós-Graduação em Direito da Comunicação pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (1991/1992).

Foi co-autor, com Paula Moura Pinheiro, do programa da RTP 2 dedicado à justiça “Falatório” e participou no programa semanal da TVI24 “A Torto e a Direito”.

Autor dos livros *Escrever Direito I e II (1992)* e *Faça-se Justiça! (2009)*, que reúnem crónicas publicadas no jornal Público de temática jurídica, das biografias *Alves Reis – Uma história portuguesa (1997 e 2007)* e *Henrique Galvão – Uma História portuguesa (2011)* e dos livros *O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem e a Liberdade de Expressão – Os casos portugueses (2009)* e *A liberdade de expressão em tribunal (2013)*.

Resumo da Comunicação

Henrique Galvão, a operação Dulcineia e o exílio e oposição, no Brasil

Henrique Galvão foi uma personagem singular do século XX português (1895 - 1970).

Oficial do exército militar e reputado escritor e dramaturgo, assumiu elevados cargos no Estado Novo e passou quase sete anos como preso político nas prisões do mesmo Estado Novo. Exilado na Argentina e na Venezuela congeminou e veio a concretizar, em 1961, a operação Dulcineia: o assalto ao paquete “Santa Maria” no mar das Caraíbas.

Após a operação Dulcineia, graças ao recém-eleito presidente Jânio Quadros, passou a ter o estatuto de asilado político no Brasil, aí colaborando no jornal *O Estado de S. Paulo* e conspirando - e incompatibilizando-se - com a oposição portuguesa no exílio.

Defensor acérrimo da instauração de um regime democrático em Portugal, defendeu nas Nações Unidas, em dezembro de 1963, que ainda era cedo para a independência das colónias. Anti-salazarista mas, com a mesma intensidade, anticomunista, Henrique Galvão foi sempre, como ele próprio se auto-classificava, um “*franco-atirador*”.

A sua oposição ao salazarismo e a sua actividade política no Brasil, nomeadamente com a criação da FAPLE (Frente Antitotalitária dos Portugueses Livres no Exílio), responsável pelo desvio de um avião da TAP em novembro de 1961, caracterizaram-se sempre por uma enorme coragem e por um permanente inconformismo e individualismo. Apesar do seu passado de inveterado caçador de caça grossa, no exílio chegara à conclusão que quanto mais conhecia os homens, mais gostava dos animais.

► Carlos Morais

Doutor em Literatura pela Universidade de Aveiro, na especialidade de Literatura Grega, com a tese *O Trímetro Sofocliano: variações sobre um esquema*, publicada em 2010 (Lisboa, FCT/FCG). Professor do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, do qual foi diretor entre 2011 e 2015. Foi responsável pela área de Língua Portuguesa no Projeto *Pensas@MOZ* (formação e ensino na área da língua portuguesa em Moçambique) e foi coordenador dos cursos de Português como Língua Estrangeira (2006-2011) e do projeto “Produção de Materiais para Português, Língua Estrangeira”, no âmbito do Projeto “Hook Up!” (Projeto de ensino on line cofinanciado pela Comissão Europeia). Tem desenvolvido a sua principal investigação nas áreas de língua portuguesa, de literatura grega e de receção dos mitos clássicos nas literaturas ocidentais. Neste domínio, publicou *Máscaras Portuguesas de Antígona* (Aveiro 2001); *Antígona. A eterna sedução da filha de Édipo*, com Andrés Pociña, Aurora López e Maria de Fátima Silva (Coimbra 2015); *Portrayals of Antigone in Portugal: 20th and 21st Century Rewritings of the Antigone Myth*, com Lorna Hardwick e Maria de Fátima Silva (Leiden 2017); *Portraits of Medea in Portugal during the 20th and 21st Centuries*, com Andrés Pociña, Aurora López, Maria de Fátima Silva e Patrick Finglass (Leiden 2018); e vários estudos, em livros e revistas internacionais, sobre o mito de Antígona nas literaturas portuguesa, espanhola e da América Latina.

Atualmente, é Diretor do Mestrado em Português Língua Estrangeira / Português Língua Segunda e do Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro, onde coordena os projetos de ensino de mandarim nas escolas do ensino básico de S. João da Madeira, de Espinho e de Estarreja.